

Faculdade pernambucana de Saúde - FPS

Autora: ¹Mariana Godoy Vieira

Co-autora(s): ²Kasumi Kakuda, ³Mariana de Azevedo Nascimento

Orientadora: Juliana Monteiro Costa

Co-orientadora: Maria Angélica Bezerra de Oliveira

Título: Homens transmasculinos: (re)construções de identidade.

Title: Transmasculine men: identity (re)construction.

Título: Hombres trans-masculinos: (re)construcciones de identidad.

¹ Graduanda do curso de psicologia/ AECISA. e-mail: marianagv613@gmail.com

² Graduanda do curso de psicologia/ AECISA. e-mail: alphadotmiller@gmail.com

³ Graduanda do curso de psicologia/ AECISA. e-mail: marianaazn@gmail.com

Título: Homens transmasculinos: (re)construções de identidade.

Title: Transmasculine men: identity (re)construction.

Título: Hombres trans-masculinos: (re)construcciones de identidad.

Resumo: O estudo objetivou compreender a construção da identidade do homem transmasculino enquanto sujeito em sociedade, identificando possíveis fatores influenciadores dessa construção. Participaram homens entrevistados, com faixa etária entre 18 até 39 anos, com média de 24 anos entre eles. Os resultados sociodemográficos mostram que o nível de escolaridade variou entre ensino médio completo e especialização. Apesar da idade jovem, a maioria dos entrevistados informou não morar mais com parentes, grande maioria informando trabalhar. Seis denominaram-se heterossexuais, apenas dois informando estar num relacionamento de união estável. As análises indicam que a vivência transmasculina está atravessada por fatores como o meio familiar, social, profissional, bem como no tocante a violências e/ou suporte vividos nesses ambientes influenciadores da identidade transmasculina. Ressalta-se que apesar de identificados como minoria à margem da sociedade, esses homens continuam a (re)construir-se por meio de suas interações com o meio.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Pessoas transgênero; Transexualidade; Construção social do gênero; Homens.

Abstract: The study aimed to understand the construction of identity of trans-masculine men as a subject in society, identifying possible influencing factors in this construction. A total of nine men participated, aged between 18 and 39 years old, with an average of 24 years old among them. Sociodemographic results show that the level of education varied between complete high school and specialization. Despite the young age, the majority of respondents reported that they no longer live with relatives, the vast majority with jobs. Six of them identified as heterosexuals, only two of whom reported being in a stable relationship. The analysis indicates that the transmasculine experience is crossed by multiple factors such as family, social circle and professional environment, as well as in relation to the violence and/or support experienced in these environments that affect the identity of these men. It should be noted that despite being identified as a minority on the margins of society, these men continue to (re)build themselves through their interactions with their environments.

Keywords: Gender identity; Transgender people; Transsexualism; Social construction of gender; Men.

Resumen: El estudio tuvo como objetivo comprender la construcción de la identidad del hombre trans-masculino como sujeto en la sociedad, identificando posibles factores que influyen en esta construcción. Participaron un total de nueve hombres, con edades comprendidas entre 18 y 39 años, con una media de 24 años entre ellos. Los resultados sociodemográficos muestran que el nivel educativo varió entre bachillerato completo y especialización. A pesar de su corta edad, la mayoría de los encuestados informó que ya no vive con familiares, la gran mayoría informó que trabaja. Seis se llamaron a sí mismos heterosexuales, de los cuales solo dos informaron tener una relación estable. Los análisis indican que la experiencia transmasculina está atravesada por factores como el entorno familiar, social y profesional, así como con respecto a la violencia y/o apoyo vivido en estos entornos que inciden en la identidad de estos hombres. Cabe señalar que, a pesar de ser identificados como una minoría en los márgenes de la sociedad, estos hombres continúan (re)construyéndose a sí mismos a través de sus interacciones con el medio ambiente.

Palabras-clave: Identidad de género; Personas transgénero; Transexualidad; Construcción social del género; Hombres.

INTRODUÇÃO

O homem enquanto ser social possui um processo mental habitual onde o mesmo busca por uma categorização de si próprio, modificando a maneira que percebe e se comporta no meio social, bem como vive e constrói seu mundo subjetivo, a fim de compreender e melhor conhecer a si próprio, dividindo e agrupando identidades e sentidos em setores que possam ser regulamentados por categorias de semelhança ou pertencimento (cor, etnia, raça, tamanho), todos esses influenciando sua forma de se apresentar como indivíduo (GASTAL, 2016).

A partir desse ponto de vista, pode-se pensar as questões de gênero como fazendo parte dessa gama de categorizações que permeiam o ser humano em sua busca por identidade, onde o gênero aqui possui um outro aglomerado de agrupamentos. Jesus (2012) refere “O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente”, assim, o termo gênero estaria referente a uma classificação social dos papéis em sociedade, ou seja, o ser masculino ou feminino, homem ou mulher esta referente a uma questão de gênero, construído pelo mundo social e indo além do sexo que esta posto em meio ao que é do biológico.

Maia (2019) acrescenta que o gênero é a performance em sociedade, um componente cultural resultado da socialização do indivíduo no decorrer de sua existência; uma variável fluida que transmite a visão do eu, moldando também a maneira do sujeito se colocar em sociedade. Desse modo, pode-se chegar à temática das pessoas identificadas como transgênero, esta terminologia refere-se a pessoas que vivenciam um gênero que não condiz com seu sexo biológico, gerando um sofrimento de ordem emocional.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-V), disforia de gênero é o sofrimento que pode ser resultado dos desconfortos relacionados a incongruência entre o gênero performado em sociedade e o sexo biológico; trazido

como um problema clínico e não uma identidade, baseando-se aqui em uma perspectiva apenas da existência binária do sexo feminino e masculino. Abdo e Fleury (2018) trazem um novo paradigma acerca da disforia de gênero, que se baseia nos conhecimentos acerca da identidade de gênero e abarcando a pluralidade e a diversidade da existência de um novo conceito do sexo não binário. Neste sentido, as adequações do papel social de gênero, são vistas por uma ótica de uma não conformidade entre o sexo biológico e o gênero como não sendo por si só patológica.

A população transgênero, segundo Araújo e Theóphilo (2019) tem em sua jornada vários estigmas impostos ao seu corpo, dentro de uma linha de pensamento medicalizante que os vê como inerentemente portadores de um transtorno psiquiátrico, tendo suas vidas erroneamente taxadas como sendo de sofrimento e sem possibilidade de serem vistos como “saudáveis” dentro do padrão imposto em sociedade. A saúde mental desta população é constantemente atravessada por fatores internos (disforia) e externos (família, círculo social), bem como violências como traz Jesus (2012) quando afirma que homens e mulheres transexuais e travestis estão inseridos dentro do lugar da exclusão extrema, sendo assim privados ao acesso aos direitos civis básicos como o direito à vida que é de forma constante ameaçado.

A vivência trans em sociedade é constantemente marginalizada em detrimento a cisgeneridade, termo referente a condição da pessoa cuja identidade de gênero esta correspondente ao que lhe foi atribuído ao nascer, que coloca pessoas cis em posição privilegiada. A transgeneridade comportando indivíduos em sua expressão de gênero numa possibilidade que vai além da binariedade homem/mulher cis está sempre posta em um local de resistência ao regime da cisgeneridade devido a tentativas constantes de apagamento que rejeitam o reconhecimento e validação dessas identidades trans, podendo aqui por exemplo como mencionado a priori negar acesso a necessidades e

atendimentos básicos a essa população. A pessoa transgênero em sociedade se torna um ser não detentor de conhecimento ao estar posta de forma a contrapor a ideia da cisbinariedade de gênero do sujeito cis que é visto como portador de uma “verdade absoluta e transcendente” que afirma a não possibilidade de existência do que está fora do padrão já implementado tradicionalmente, de acordo com Bagagli (2016).

Pessoas transsexuais começam a aparecer nos primeiros registros de peças teatrais datados por volta dos anos 50 e 60 em Paris, mas somente alguns anos depois por volta da década de 70, a sociedade parece passar melhor entender essa população, dissociando-as do lugar fictício de personagem de teatro. De acordo com Tokuda e Donegá (2017), antes mesmos dos registros teatrais pessoas transsexuais já existiam, porém a sociedade sempre tentou as apagar, fazendo com que estas fossem marginalizadas e não tivessem um espaço propriamente demarcado em sociedade. A transsexualidade, trazida por Ayouch (2015) é uma categoria identitária, fruto das discussões entre o campo do saber médico, jurídico e social; que durante muito tempo ficou vinculada apenas a visão psiquiátrica de um sexo biológico.

A identidade transmasculina como temática central deste estudo é construída a partir das experiências ao longo da vida do homem trans, sendo uma delas através da fala, momento em que se narra para o outro acontecimentos cotidianos. Por se tratar de uma experiência fluida e em constante mudança, não há um modelo fixo e engessado de identidade transmasculina. Pimentel (2018) traz que o corpo transmasculino traça uma jornada social e subjetiva para afirmação de sua identidade promovendo as primeiras mudanças físicas como a preferência por roupas do universo masculino, cortes de cabelo, entre outros. Além disso, intervenções mais complexas também são procuradas como hormonioterapia, com o objetivo da mudança no tom de voz, surgimento de pelos corporais e redistribuição da gordura no corpo, além de cirurgias para redesignação

sexual, que pode incluir a retirada das mamas e/ou a reconstrução genital. Bispo et al. (2017) traz que é válida a menção de que os processos transitórios, ou seja redesignação sexual bem como terapia hormonal não são procedimentos simples. As cirurgias e condições pós-operatórias em geral bastante dolorosas, assim nem toda pessoa trans passa ou sequer deseja passar pelo processo de transição hormonal e cirúrgico.

Partindo desses pressupostos, o estudo em questão tem como objetivo a exploração da temática transmasculina, enquanto investiga como se dá a construção da identidade do homem transmasculino em sociedade em meio a possíveis influências temáticas (meio familiar, cultura, trabalho etc) estruturantes.

MÉTODOS

Participantes:

A população de estudo foi composta por nove homens trans, usuários de um ambulatório da Rede Pública de Saúde voltado para o atendimento da população LGBT (lesbicas, gays, bissexuais e trans). A idade dos participantes variou entre 18 e 39 anos, cuja média de idade foi de 24 anos. O levantamento de dados foi realizado por meio de uma amostragem que seguiu uma classificação de conveniência, por demanda espontânea. Os critérios de inclusão consistiram em: homens trans maiores de 18 anos de idade, que estivessem de acordo com os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE), bem como se reconhecendo como homens trans em sociedade há no mínimo 1 (um) ano, utilizando-se do ambulatório em questão a pelo menos 6 (seis) meses. O fechamento amostral foi dado por meio do critério de saturação de conteúdo, conforme determinado por Minayo (2002), quando as informações tornam-se redundantes.

Instrumentos:

Utilizou-se um questionário contendo dados sociodemográficos dos participantes (idade, profissão, nível de escolaridade, orientação sexual, estado civil, renda média, acesso à rede particular de saúde, uso de hormonioterapia, realização de cirurgia transmasculinizadora) elaborado pelos pesquisadores, seguido de uma entrevista com roteiro semiestruturado contendo perguntas disparadoras, de modo a possibilitar um controle da temática abordada, ao mesmo tempo que dá abertura à fala do entrevistado.

As entrevistas começaram com uma pergunta inicial disparadora: “o que lhe constitui enquanto homem trans na sociedade?”, a partir dessa pergunta inicial o roteiro segue perguntas relacionadas a aspectos que abrangem questões sociais, culturais e pessoais do entrevistado que guiaram a coleta de dados.

Procedimentos:

A pesquisa teve sua aprovação por meio do comitê de ética da Faculdade Pernambucana de Saúde - AECISA, sob o parecer nº 3.634.751 e CAAE nº 19349919.9.0000.5569, seguindo a Resolução 510/16 relativa a ética em pesquisas referentes às Ciências Humanas e Sociais (CHS).

Cabe ainda esclarecer que todos os participantes foram convidados a ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, assim autorizando participação no estudo em questão, bem como que a coleta de dados ocorreu em ambiente apropriado, em uma sala com chave que propiciou o sigilo desta, com duração média de 30 (trinta) minutos.

Análise de Dados:

Foram revisados os documentos contendo os questionários sociodemográficos bem como as transcrições das entrevistas seguindo o caráter de análise de conteúdo de

Minayo (2002) que é composta de três fases distintas: pré-análise, exploração de material, bem como, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na pré-análise, também conhecida como “leitura flutuante”, foram organizados conteúdos a serem analisados com o intuito de explorar, por meio do contato com os documentos e informações apreendidas a partir da coleta de dados, dando abertura para a categorização temática e classificação da informação coletada.

Na fase de exploração de material foram codificados e selecionados conteúdos a partir da “leitura flutuante” de forma detalhada.

No tratamento dos resultados como última fase, o conteúdo agregado foi trabalhado com base em princípios qualitativos sem a exclusão de informações estatísticas, tendo esses conteúdos sido interpretados por meio dos pesquisadores de acordo com Minayo (2002) de forma a desvendar o que estivesse implícito ao que é manifesto, tendo como objetivo a categorização por meio da análise de conteúdo com o intuito de encontrar sentido no que foi trazido pelos entrevistados, tendo em vista temáticas acerca de ciclos familiares, sociais, bem como subjetivos de cada participante enquanto corpo interativo em sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa um total de nove homens trans, com faixa etária dos entrevistados variando entre as idades de 18 até 39 anos, tendo uma média de 24 anos de idade entre eles. Seis (06) entrevistados relataram ter ensino médio completo, um (01) afirmou possuir ensino superior incompleto, um (01) ensino superior completo e um (01) mencionou ter especialização. Apesar da média de idade jovem, a maioria dos entrevistados informou não morar mais com parentes, apenas um deles relatou morar com os pais. A maioria dos entrevistados informou trabalhar, sendo eles um total de

cinco homens empregados, dentre estes, apenas um possuía ofício autônomo. No tocante à orientação sexual, seis denominaram-se heterossexuais, contudo, apenas dois desses homens informaram estar num relacionamento de união estável (casado/vive junto). É pertinente informar que o resguardo do sigilo dos participantes foi mantido, sendo utilizados nomes fictícios de deuses gregos e romanos para cada entrevistado em visão do mesmo. A seguir temos o quadro 1 com informações sociodemográficas coletadas dos participantes entrevistado:

Quadro 1: Informações sociodemográficas dos homens trans entrevistados

Participantes	Idade	Orientação sexual	Estado Civil	Escolaridade	situação socioprofissional	Moradia
Kratos	20	Heterossexual	Casado/vive junto	Ensino médio completo	Empregado	Alugada
Apollo	31	Pansexual	Solteiro	Ensino superior completo	Desempregado	Outro
Eros	31	Bisexual	Casado/vive junto	Especialização	Empregado	Alugada
Netuno	24	Heterossexual	Solteiro	Ensino médio completo	Desempregado	Própria
Hermes	39	Heterossexual	Solteiro	Ensino médio completo	Outro	Própria
Hercules	22	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior incompleto	Empregado	Própria
Oizus	18	Heterossexual	Solteiro	Ensino médio completo	Desempregado	Alugada
Perseu	20	Outro (Neutro)	Solteiro	Ensino médio completo	Empregado	Própria
Dionísio	19	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior incompleto	Estudante	Cedida

A partir da leitura exaustiva das entrevistas, foi possível levantar cinco categorias de análise que se inter-relacionam e se entrecruzam, descritas a seguir: 1) as primeiras vivências infantis com as questões de gênero; 2) nuances da transmasculinidade: aspectos históricos; sociais e biológicos, 3) o trabalho enquanto promotor de inserção social de homens trans; 4) transmasculinidade e sofrimento psíquico, e 5) políticas públicas nas perspectivas de homens trans: desafios e possibilidades.

A primeira categoria, denominada *As primeiras vivências infantis com as questões de gênero* refere-se aos primeiros contatos que esses homens trans tiveram com temáticas referentes ao gênero em si, levando em consideração questões, tais como: as primeiras percepções subjetivas de seu próprio gênero, bem como o relato de memórias de quando acreditam ter começado a se questionar quanto a questões de gênero.

Foi percebido, através dos relatos, que a maioria dos participantes começou a questionar-se em referência a seu gênero ou ao menos sobre um sentimento de inadequação ainda muito cedo, como pode ser observado nas falas a seguir:

“eu tenho uma lembrança muito vívida de quando eu tinha quatro anos de idade e dizendo pra minha mãe que eu tinha nascido errado, que tinha uma coisa errada em mim e que eu era menino”. [Apollo, 31 anos].

bem como nas falas de Dionísio:

“homem trans é uma nomenclatura nova, né. Mas desde os meus 4 anos de idade eu sempre mostrei ter um indício masculino, do gênero masculino”. [Dionísio, 19 anos]

Esses relatos de questionamento durante um período cedo da vida desses homens foram um padrão constante durante as entrevistas. Kennedy (2010), se baseando nos estudos resultantes de Suzanne Kessler e Wendy McKenna (1978, p. 102) argumenta que as crianças começam a ter uma percepção de gênero por volta das idades de 3 a 4 anos, sendo esse conceito amadurecido e desenvolvido durante os dois anos seguintes.

Apesar dos relatos de questionamento prematuros, os primeiros contatos para com a ideia e conceito da transgeneridade propriamente dita, ocorriam em maior parte durante períodos de idade mais avançadas, especificamente com média durante os períodos da pré-adolescência e adolescência, como o observado nos estudos de Kennedy (2010). Para além dessa consciência de gênero, reproduções de comportamentos com base em uma referência de estereótipos dos papéis de gênero foram muito claras, como pode ser ilustrado na fala de Hermes, descrita a seguir:

“Com 5 anos eu já tinha bicicleta, é, quando eu pedi a meu pai ele disse, me levou em uma loja e disse “escolha sua bicicleta”, eu não escolhi uma bicicleta rosa de cestinha, tal. Eu disse “pai, quero essa aqui”, uma cross, uma bike preta, uma bike de homem, né?” [Hermes, 39 anos].

Apesar de crianças transexuais muito comumente expressarem desejar o que se é visto como tipicamente do sexo biológico oposto (roupas, brincadeiras, comportamentos), é importante salientar que isso não se faz regra para toda criança que se expresse de tal forma (REIDEL, 2013).

A fala do entrevistado Hermes, contudo, pode ser muito bem explorada por meio do pensamento de Lanz (2014), escritora e psicanalista trans, em sua dissertação “O corpo da roupa”, onde a mesma afirma que apesar de estarmos vivendo em um tempo de grande flexibilidade e mutabilidade de costumes, ainda existe uma ideia pétrea em nossa constituição societária que permeia a pessoa transgênero de forma a negar toda e qualquer tentativa de violação das normas de gênero já vigentes, sendo estas referentes ao binarismo de gênero tradicional, ou seja, existe ainda na atualidade um padrão em vigor que apesar de já considerado como arcaico em meio a modernidade, ainda tem em si poder sobre as massas sociais.

A autora indica que haveria uma ordem social opressora que não permitiria transgressões de sócio-desviantes, ou seja, um padrão social vigente que não dá espaço para as expressões divergentes do que se tem em instância “tradicional”, pessoas que

desviam do modelo social imposto. A transgeneridade responderia de acordo com ela por meio de uma natureza transgressora, sendo este comportamento o que distinguiria as pessoas transgênero das demais pessoas em sociedade, constituindo-as como transgressoras da norma de gênero, contudo, ela explica ainda que esse funcionamento transgressor existiria em meio a um paradoxo, no sentido de que o mesmo dispositivo de gênero que se veem transgredindo é o mesmo com o qual tentam se ajustar por meio de esforços sobre-humanos, em uma busca da aceitação de um “clube” que os rejeita como sócios. Tal contradição podendo ser observada por exemplo na fala do entrevistado Oizus, onde o mesmo relata sobre o que mais gosta e desgosta sobre a vivência trans:

“É de poder ser diferente de muitos homens héteros e cis (gosta) (...) a mesma que eu gosto (desgosta)”. [Oizus, 18 anos].

Assim, pode-se entender que o meio social então impõe seus padrões sobre o corpo trans, tendo influência no que se diz respeito à construção e organização identitária destes, enquanto estes por vezes encontram-se de forma contraditória, em resposta às agressões externas do modelo social mesmo em meio a sua natureza transgressora, em uma procura da não-rejeição e do pertencimento ao modelo estereotipado e patriarcal.

A segunda categoria, *Nuances da transmasculinidade*, diz respeito aos fatores que foram descritos pelos entrevistados como determinantes na construção de sua representação enquanto homens transmasculinos, indo desde sua relação familiar, passando por questões biológicas no tocante aos processos médicos de transição, bem como a influência que a sociedade enquanto meio tem sobre a performance de masculinidade dos participantes.

De modo a traçar uma linha do tempo, é necessário iniciar salientando a importância que a relação familiar tem, atravessando esses homens e suas vivências, e entendendo que a mesma, apesar de não posta como regra, por muitas vezes, como pontua Lanz (2014) se apresenta como “O lugar preferencial da rejeição, repressão e vigilância ostensiva que se exerce sobre a pessoa transgênera”. Dentro desse âmbito o mesmo pode ser reforçado em meio ao que diz Apolo, quando relata sua relação familiar:

“família foi um cu (sic), tipo eu tenho um primo gay que eu sempre tive um relacionamento meio de irmão e tal mas aí foi a única pessoa na família que eu cheguei e contei, que eu achava que era a única pessoa que ia... e ele foi super transfóbico pra mim.” [Apolo, 31 anos].

Contudo, é importante a menção de que apesar dessa relação conflituosa ao meio familiar ter sido uma constante na grande maioria dos discursos dos entrevistados, mostrou-se tal qual verdadeiro o fato de que a história e referências familiares teriam influência dentro das afirmações e expressões de gênero da vivência transmasculina desses homens, como pode ser observado na fala de Netuno, ao discorrer sobre a origem da escolha de seu nome social:

“eu nasci sem eles saberem o sexo, então a minha mãe sempre dizia ‘a gente achava que ia ser um menino, e o nome ia ser Netuno Filho’, porque o nome do meu pai é Netuno, Daí eu sempre tive uma relação muito próxima do meu pai, sempre fui muito parceiro do meu pai, desde criança, (...) e eu nunca me imaginei trocando o meu nome por alguma coisa que não fosse o nome dele, de alguma forma era o que eu já planejava, seria um radicalismo muito grande ir pra longe disso, sabe, nunca pensei em ir de João pra Pedro, mas enfim. Aí o meu nome, como eu nasci com o sexo biológico feminino, ficou Netuna, ao invés de Netuno Filho ficou Netuna, daí eu troquei a letra e adicionei o Filho no final, por ser o nome do meu pai, e o meu sobrinho é Netuno Neto” [Netuno, 24 anos].

A vivência de momentos de solidão e distanciamento, também esteve presente nas falas dos participante, como ilustrado nos relatos de Dionísio:

“Quando eu me descobri enquanto homem trans, eu era a única referência no meu colégio, inclusive fui um dos primeiros homens trans que fez parte daquele processo que teve na rede estadual, da inclusão do nome social” [Dionísio, 19 anos].

bem como reitera Hercules:

“Eu era uma pessoa quieta, que, se você chegasse pra conversar comigo eu não iria nem, tipo, foda-se (sic), não iria nem falar, mas hoje em dia eu sou super simpático, eu consigo conversar com as pessoas, eu sou amigo. Antes eu não tinha amizades, eu me fechava para o mundo, porque eu me sentia anormal no mundo (...)” [Hércules, 22 anos].

A solidão vem como um dos resultantes da reação em sociedade sobre a natureza transgressora dos corpos trans, ou seja, é comum que estes encontrem-se em ambientes que são de caráter hostil, os quais os isolam a uma margem em visão a uma referência heterocisnormativa de ser, onde a regra é a apresentação de uma identidade heterossexual, cisgênero e dentro dos padrões estabelecidos como socialmente adequados para aquele gênero. Contudo, essa construção solitária parece tender a se modificar à medida que eles têm acesso a conteúdos que possam os representar, tal qual o contato com uma comunidade que os mais bem aceite e que possa promover abertura para a expressão identitária livre e de forma segura. Isto pode ser ilustrado no modo como Hércules relata esta travessia de existir enquanto ser no mundo quando continua: “(...) hoje em dia não, eu consigo conversar, eu tenho amigos, eu considero que eu tô muito bem, antes eu não tava, antes eu me sentia preso àquilo, e quando eu botei pra fora eu me senti bem melhor. Então tudo foi bom”.

Para além disso foi também muito mencionada uma falta de acesso a representatividade próxima a eles que serviu como reforço para esse sentimento, como podemos observar na fala a seguir:

“admitir minha transexualidade foi um pouco complicado né, porque... primeiro que quando eu via homens trans em vídeos e tal, eu pensava que aquilo ali era uma realidade muito distante da minha, sabe? Porra, eu via vídeos de homens trans fora do Brasil, então eu pensava ‘ah, massa, dá pra ser homem trans fora do Brasil’, mas e aqui? Acho que tudo isso tardou meu processo de transição” [Eros, 31 anos].

Fica claro diante do relato de Eros que essa dificuldade de acesso a “referências” (sic) que pudessem servir como representatividade de suas dificuldades e realidade a qual passavam e passam, mostra-se como um grande fator no que se diz respeito ao sentimento de pertencimento ou não a uma comunidade que poderia servir como fator

de proteção a eles, diante da comum rejeição das comunidades as quais faziam parte a priori. Essa representatividade e identificações mostram-se muito importantes dentro das construções iniciais ao adentrarem na realidade T (trans) da comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual e outros (LGBT+), estas podendo vir por exemplo por meio de conteúdo midiático, bem como interações com e relatos de outras pessoas trans já inseridas na comunidade, como bem pontua Kratos:

“minhas primeiras referências foram indo pro youtube e começando a pesquisar, tipo, só pesquisava transição de meninos trans assim, tipo todo tipo de vídeo sobre transição no youtube eu já tinha assistido, aí isso foi minha forma de me encontrar entendeu? Assim tipo, ajuda você ter umas amizades você conversar com outras pessoas também, outras pessoas que tão se entendendo, que tão no processo já que já tão em hormonização ou amizades também ajudam muito” [Kratos, 20 anos].

Para além dessa identificação subjetiva, é coerente ainda que sejam discutidos as questões médicas envolvidas dentro desse processo identitário. A fala de Kratos, mencionada acima, assim como se repetiu na maioria dos relatos dos demais participantes, nos traz questões acerca dos possíveis processos médicos acerca da vivência transmasculina.

Gomes et al. (2019) reconhece em seus estudos que, apesar de não se ter os procedimentos como regra dentro da vivência do homem transmasculino, é evidente que exista a possibilidade do desejo por esses processos transitórios dentro da experiência trans. O autor traz ainda que é interessante refletir que o aspecto biomédico da transgeneridade é importante, contudo este não pode ser o único foco acerca dos cuidados que deveriam ter caráter “integral” para com a população trans, existindo então uma necessidade de ações que possam buscar efetividade e amplitude no âmbito do atendimento a saúde e situação sociocultural de usuários trans.

Bagagli (2016), em meio a essa visão majoritariamente biomédica afirma que essa objetivação da transgeneridade como algo em meio ao âmbito da doença geraria

tanto a impossibilidade de uma narração próprio do sujeito trans e sua subjetividade, como também a destituição da autonomia sobre seus corpos e identidade, dependendo assim de uma validação externa, vinda de um outro que majoritariamente o rejeita.

Este viés biomédico que restringe a subjetividade trans, afastando seus corpos da realidade social enquanto insere-os em estudos referentes a uma patologização pode ser observado a partir da fala de Apollo:

Não, sempre rola aquele negócio de “ah trans não sei o que”, aí é ou porque é objetificado ou porque é “ah mas é massa, é isso e é aquilo e como é?” não veio... eu sou tantas outras coisas ta ligado? Tipo eu faço uns desenhos maneiro e não sei o que, mas fica aquela ou objetificação que são as “T-Lovers”(sic) né, ou então é como se a pessoa tivesse se relacionando né com um objeto de pesquisa, com uma bandeira, uma celebridade e isso é muito desgastante, isso é muito... errado, muito sabe... muito doido. [Apollo, 31 anos].

Fica claro aqui que existiria uma influência externa que molda as interações do corpo transmasculino vinda do meio social e acadêmico que enquadra a vivência trans como sendo exclusiva da objetivação científica, retirando-os do meio da possibilidade subjetiva e inserindo-os em uma realidade que os coloca novamente a uma margem social que não da igualdade heterocisnormativa.

A literatura brasileira atual disponível, bem como afirma Lanz (2014) traz um perfil muito bem demarcado dos estudos dos corpos transtêneros, como corpos que não só são desprovidos de subjetividade, mas também de laços sociais, vistos apenas como meros objetos de estudo. Para além disso a bibliografia existente no que se diz respeito ao homem transmasculino parece ser ainda mais escassa se em comparação com as identidades travesti por exemplo. Assim, se faz necessário estudar o sujeito transmasculino abarcando sua complexidade e diversidade, quebrando paradigmas do sistema social heteronormativo, cisnormativo e binário presente atualmente.

A terceira categoria, *Trabalho como promotor de inserção social*, diz respeito ao posicionamento dos homens trans que estão ou costumavam estar inseridos dentro do

mercado de trabalho como fator de visibilidade e reforço de sua identidade não somente enquanto homem, mas também enquanto sujeito produtivo dentro de uma sociedade. Ao mesmo tempo, também é importante ressaltar a lacuna existente para a população trans ter acesso ao mercado de trabalho formal.

Dentre os cinco entrevistados que possuem ou já tiveram emprego, a maioria relatou ter tido uma boa relação com seu ambiente de trabalho, como foi o caso de Apolo e Netuno:

“eu acho que trabalho foi um dos únicos lugares que não (sofri preconceito), eu acho que eu sou uma das poucas pessoas a dizer isso”. [Apolo, 31 anos]

“eu trabalho como motoboy, e tem pessoas que não tem nem ideia do que seja, e olha pra mim, e faz ‘cara, se tu falasse pra mim que tu é preto eu ia entender que tu é preto, tu é branco, tu é branco, porque eu não imagino tu de outra forma, então independente do que seja teu corpo, teu corpo é teu, e a amizade é a mesma’.” [Netuno, 24 anos].

Segundo Rodrigues (2018), o trabalho e o exercício profissional possuem extrema importância na inclusão dos sujeitos em grupos, nos papéis sociais exercidos e, portanto, na constituição da identidade.

Para a população transmasculina, o reconhecimento dentro do ambiente profissional representa mais uma forma de validação de sua identidade enquanto homem. Um dos entrevistados, relatou a importância da aceitação de sua identidade na relação profissional:

“tem pessoas que não tem nem ideia do que seja (ser trans), e olha pra mim, e faz (...) ‘eu não imagino tu (sic) de outra forma, então independente do que seja teu corpo, teu corpo é teu, e a amizade é a mesma’”. [Netuno, 24 anos].

Em contrapartida, a necessidade imposta pela sociedade para que o sujeito se encaixe dentro de um perfil mercadológico, em sua maioria, binário e heteronormativo no que tange à aparência, muitas vezes representa mais uma dificuldade para a inserção de pessoas trans. Como trazem Goerch e Silva (2019), os desafios encontrados podem ser comparados com uma escada onde cada degrau é coberto de espinhos, assim,

tornando-se extraordinariamente mais difícil que se chegue ao topo. Isto foi observado na fala de Eros, que afirma encontrar dificuldades para entrar no mercado de trabalho:

“Eu percebo que às vezes as pessoas me empregam e me oferecem um salário menor como se eu não tivesse muita opção, o que não deixa de ser realidade, né, assim, eu sou um profissional excelente de design, eu tenho premiação nacional, tenho premiação norte-nordeste, mas meu salário é um valor que eu não consigo ultrapassar por conta disso, sabe? Apesar de ninguém dizer abertamente que é por conta disso, eu sei que é.” [Eros, 31 anos].

A presença de uma pessoa trans dentro de um ambiente de trabalho tido como “tradicional” muitas vezes representa uma quebra na realidade das pessoas que já trabalham ali, principalmente pela carência de programas de inclusão de população LGBTQ para o mercado de trabalho.

Segundo dossiê realizado pela Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (2016), apenas 10% da população trans se encontra no mercado formal de trabalho, e 90% na informalidade e prostituição devido ao preconceito que se apresenta no mercado de trabalho. A pessoa trans que representa uma exceção, por vezes, se coloca no papel de “professor”, numa tentativa de diminuir a lacuna de conhecimento que a população em geral tem sobre pessoas trans, e facilitar seu processo de inclusão naquele ambiente.

Kratos, 20, passou por este tipo de situação:

“Teve um rapaz que me viu na empresa que ele veio me questionar dizendo que eu não realmente era um homem de verdade e isso e aquilo (...) assim, quando eu me assumi na empresa, eu mandei um texto pra (sic) o e-mail do grupo do pessoal geral da empresa e mandei pros grupos que eu tava da empresa né? (...) dizendo que, qualquer dúvida, esclarecimento que a pessoa tiver, porque são pessoas muito mais velhas que não tem acesso a essas informações, se tiver uma dúvida ou algum esclarecimento que vocês quiserem saber, vocês cheguem a mim que eu vou responder de boa!” [Kratos, 20 anos].

Dentre os homens entrevistados que trabalham ou já trabalharam, a maioria relatou ter preferência por trabalhos informais ou autônomos. Marinho e Almeida (2019) trazem que as propostas de trabalho informais são atraentes para as pessoas trans, principalmente, “pela pouca ou nenhuma exigência de entrega de currículos, apresentação e assinatura de documentos/contratos e pela possibilidade de exercerem atividades mais solitárias ou que demandem pouca interação em equipe”.

Em áreas de trabalho informais, é possível que pessoas trans estejam menos expostas ao preconceito quando da sua transição de gênero e uso de um nome social.

A quarta categoria, *Transmasculinidade e sofrimento psíquico*, menciona as falas dos entrevistados que remetem a episódios ou experiências onde vivenciaram algum tipo de sofrimento psíquico em detrimento a sua expressão identitária transmasculina em interação com o meio social. Perante isto podemos observar como violências iniciais podem se desenvolver por meio da fala de dois de Apolo e Oizus:

“eu tenho um grande problema que é a depressão, que é desde sempre, aí é muito casado comigo tá ligado? Minha disforia foi muito grande, aí eu passei quase um ano sem conseguir sair de casa mesmo, tive uma fobia social triste. Eu só comecei a voltar a viver e fazer as coisas quando consegui retificar o nome [...] eu sempre tive depressão e ansiedade, TDAH sabe? Que nunca foi tratado, aí eu agora procurei acompanhamento psicológico e psiquiátrico, o cacete (sic) todo e trato isso também” [Apollo, 31 anos].

é... lidar com a disforia [...]eu me sinto... é.. triste por ser diferente, triste por ter nascido no gênero que eu não queria, no que eu não me sinto confortável [Oizus, 18 anos].

Pagliari (2016) reconhece que o sofrimento psíquico da pessoa trans “(...) começa pelo desrespeito, na falta de direitos que essas pessoas têm perante a sociedade, onde são impedidas de exercerem sua identidade de gênero”.

A disforia de gênero como relatado acima está intimamente ligada a alguns aspectos da vivência de um homem trans, sendo importante aqui ratificar que a mesma apesar de comum não está presente como sendo regra identitária na vivência trans. A disforia se torna mais um fator característico da vivência de um homem trans, não por estar ligado a uma patologia, mas sim por estar associada a diversos estigmas excludentes do padrão societário em vigor.

Carvalho, Sordi et al (2016) aponta para a importância de enxergar o sofrimento vivenciado por pessoas trans em uma lente ampla e acima de tudo contextualizada, onde a disforia aqui atua como fator de risco para o aparecimento de outros sofrimentos psíquicos, condicionados em meio às relações sociais e em especial ao “binarismo

maniqueísta de gênero e a heteronormatividade” que segundo o autor os priva de “patamares mínimos de dignidade e cidadania”

fui diagnosticado com depressão, tava em tratamento e tals, mas eu preferi me recuar [...] eu fiquei muito fechado, e eu tomei remédio, fiquei sendo acompanhado e tals, mas eu fugi, eu disse ‘não, eu não vou ficar aqui, não quero remédio, não quero isso, e eu vou tentar bater de frente’. Meu cérebro dizia que não era pra eu sair, que era pra eu ficar fechado num ambiente, no meu quarto, que não era pra eu ir pra escola, pra faculdade, pra canto nenhum, nem para o trabalho.” [Hércules, 22 anos].

A população transgênero e transmasculina está mais propensa a desenvolver comorbidades de saúde mental, como trazido no estudo feito em 2020 por Correira, Rodrigues et al. Dados da pesquisa apontam que dos 154 participantes transsexuais 48,3% possuíam ideações suicidas e 23,8% deles já tentaram suicídio, chamando atenção para o fato de que há níveis mais altos de tentativas de suicídio em pessoas que experienciam a disforia de gênero decorrente de violências e exclusões sociais. A nível de contextualização a pesquisa de Correira, Rodrigues et al (2020) traz que a tentativa de suicídio na população geral dos Estados Unidos era de 1,6%, mas que nos indivíduos transgêneros essa taxa sobe para 41%.

A quinta e última categoria, *Políticas públicas na perspectiva de homens trans* diz respeito ao conhecimento que esses homens têm sobre as políticas públicas disponíveis a eles, bem como ao engajamento dos mesmos dentro do que se diz respeito aos seus direitos como membros em meio a uma sociedade política.

Preto (2015) traz que a militância é uma prática dentro da sociedade que tem o poder da reivindicação de direitos, modificação da lógica econômica, que se dá através dos movimentos sociais; grupos de pessoas com um objetivo em comum e causas que visam a melhoria de vida, daqueles que vivem em condições minoritárias em sociedade (Movimentos LGBTs, Movimentos Feministas). Tornando-se de suma importância para integrantes de minorias, aqui especificamente homens trans, estarem juntos a

militâncias para a obtenção de direitos básicos como atendimento integral à saúde.

Diante deste pensamento Eros relata:

Estar entre pessoas trans, estar na militância com pessoas trans, e correr atrás das coisas que a gente precisa, eu acho que é uma das melhores coisas, principalmente quando a gente tá perto de quem é trans” [Eros, 31 anos].

Bem como reitera Netuno, quando fala:

“Eu não sou muito de estar no meio dos eventos, mas assim, hoje em dia eu tenho buscado estar o mais inserido possível, porque se a gente não lutar, quem vai lutar por nós? Principalmente por questões de cirurgia, tanto de homens trans quanto mulheres trans, e o serviço público não tá muito favorável a essa questão, mas a gente precisa lutar, porque se a gente não lutar ninguém vai lá por nós, se é uma causa nossa, tem que evoluir, né, o governo não tá muito favorável mas a gente não pode desistir.” [Netuno, 24 anos].

O Surgimento em 2008 da política nacional de saúde LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais) possibilitou a criação de espaços públicos de atenção integral a esta população contando com profissionais especializados na vivência LGBT em sociedade. Na pesquisa de Ferro & Rodrigues (2012) a população transgênero traz para tais serviços demandas diferenciadas daquelas trazidas pela parcela cis da comunidade LGBT, como por exemplo cirurgia de redesignação sexual, hormonoterapia, entre outros. Além de encaminhamentos para a realização de mudanças relacionadas a documentação, como nome social. De acordo com Moraes (2019) os serviços de saúde que seguem as diretrizes da Política Nacional de saúde LGBT, afirmam em sua existência e resistência os direitos humanos e civis desta população.

Assim fica claro em meio a esses relatos como a (r)existência dessas políticas de serviço público a população transgênero, sobretudo aqui para a população transmaculina, está posta como movimento de militância e reiteração de direitos básicos a vida desses sujeitos, podendo ainda servir dentro de uma natureza que fortifica a identidade trans em sociedade como uma ferramenta e rede de apoio.

CONCLUSÃO

Neste estudo objetivou-se compreender a construção da identidade do homem transmasculino enquanto sujeito em sociedade, identificando quais seriam os possíveis fatores influenciadores dessa construção. A partir da leitura exaustiva das entrevistas, foi possível levantar cinco categorias de análise que se inter-relacionam e se entrecruzam, sendo elas: 1) as primeiras vivências infantis com as questões de gênero; 2) nuances da transmasculinidade: aspectos históricos; sociais e biológicos, 3) o trabalho enquanto promotor de inserção social de homens trans; 4) transmasculinidade e sofrimento psíquico, e 5) políticas públicas nas perspectivas de homens trans: desafios e possibilidades.

O estudo em questão perpassa a vivência transmasculina como um instrumento que procurou dar espaço de representatividade a suas histórias, emoções, relações e acima de tudo a suas narrativas pessoais em meio a um espaço próprio de conquista da luta por direitos da população LGBT do Recife, podendo servir para reforçar a importância da existência de gestão da política pública, bem como devolutiva desse serviço de atendimento e acolhimento dessa população e seus familiares.

Lanz (2014), ressalta que como corpos políticos em meio a agressões diárias, se mostra de suma importância que esses homens como integrante de uma minoria social propensa a riscos de vida e comórbidos a reação social imposta a seus corpos estivessem vinculados em interação com a militância que garante a eles seus direitos sociopolíticos básicos.

Em meio a essa realidade podemos considerar como aspecto limitante deste estudo a escassez de bibliografias referentes a questões subjetivas dentro da temática em questão, que vem a dificultar o acesso a referências da área não somente para o intuito

acadêmico em pesquisa, mas, sobretudo a gama referencial disponível para a população transmasculina.

Assim, espera-se que os resultados da pesquisa possam servir como contribuição ao arcabouço científico disponível, a fim de favorecer a área acadêmica, a população como um todo, bem como o movimento transmasculino.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.

de Araújo, E. B., & de Magalhães Theophilo, G. L. (2019). TRANSGÊNEROS: AINDA INCOMPREENSÍVEIS?. *Revista Docência e Cibercultura*, 3(1), 73-101.

Ayouch, T. (2015). Da transsexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais.

Bagagli, B. P. (2016). A diferença trans no gênero para além da patologização. *Revista Periódicus*, 1(5), 87-100.

Cardoso, T. V. B. (2020). Quem enxerga a criança trans? Memórias de um menino transgressor. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 3(9), 204-212.

de Carvalho, A. P. G. B., Sordi, B. A., da Silva, D. S. N., dos Santos Pinheiro, I., da Silva, L. F. M., Valente, M. B. B., ... & Sales, T. V. (2016). Patologizando o abjeto: a transsexualidade como categoria diagnóstica. *REVISTA HUM@ NAE*, 10(2).

Martins, M. D. L., & Macedo, I. (2019). Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia.

Corrêa, F. H. M., Rodrigues, B. B., Mendonça, J. C., & Cruz, L. R. D. (2020). Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 69(1), 13-22.

Côté, J. E., & Levine, C. G. (2014). *Identity, formation, agency, and culture: A social psychological synthesis*. Psychology Press.

de Lorena Silva, J. P. (2018). Infâncias queer nos entre-lugares de um currículo: a invenção de modos de vida transviados.

Donegá, C. T., & Tokuda, A. M. P. (2017). A transexualidade frente a uma sociedade que cria regras de gênero. *Revista Conexão, Três Lagoas-MS, 14*(1).

Ferreira, S. C. C. (2018). O Processo transexualizador no SUS e a saúde mental de travestis e transexuais. *A|A, 1*(2), 71-71.

Cardoso, M. R., & Ferro, L. F. (2012). Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. *Psicologia: ciência e profissão, 32*(3), 552-563.

Fleury, H. J., & Abdo, C. H. N. (2018). Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia. *Diagn Tratamento, 23*(4), 147-151.

Gastal, C. A., & Pilati, R. (2016). Escala de necessidade de pertencimento: adaptação e evidências de validade.

Goerch, A. B., & Silva, D. R. Q. D. (2019). INCLUSÃO SOCIAL E DIVERSIDADE DE GÊNERO DE PESSOAS TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO. *Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*.

de Freitas Gomes, D., Rangel, E. T., & Sauthier, M. (2019). Evidências sobre autonomia e integração dos usuários transexuais em Estratégia de Saúde da Família: revisão integrativa. *Revista Enfermagem Atual In Derme, 88*(26).

Jacinto, S. S. (2019). Fora do “Cis” tema: Os caminhos da transição de gênero de homens trans. *Nota do Editor, 16*.

Kennedy, N. (2010). Crianças Transgênero: mais do que um desafio teórico. *Revista Cronos, 11*(2).

Lanz, L. (2014). O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.

Maia, S. V. (2019). De Foucault a Butler: identidade (s), performatividade e normatividade de gênero.

Marinho, S., & de Almeida, G. S. (2019). Trabalho contemporâneo e pessoas trans: considerações sobre a inferiorização social dos corpos trans como necessidade estrutural do capitalismo. *Sociedade e Cultura*, 22(1).

Moraes, E. M. R. D. (2019). A cena LGBT na Rede Humanizausus: um ciberespaço da saúde pública.

NOGUEIRA, S. N., Aquino, T. A., & Cabral, E. A. (2017). Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans. *Aracaju: Rede Trans Brasil*.

Pretto, E. (2015). Militância e produção de subjetividade no contemporâneo.

Reidel, M. (2014). A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira.

Rodrigues, F. P. (2018). CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DE PERCURSO PROFISSIONAL. *Revista Científica UMC*, 3(3).